

2 A canção “Maringá”, de Joubert de Carvalho, batizou uma cidade

Ao lado da porta principal, discreta e pouco visível havia um acessório (ignorado pela maioria dos excepcionais hóspedes) em geral usado até nas casas particulares para retirar o excesso de lama dos calçados. Tratava-se do “**Chora Paulista**”, que consistia em uma caixa retangular de madeira, de 15 ou 20 centímetros de altura, com dois suportes laterais que se elevavam a pouco mais de um metro, encimados por um sarrafo que dava a ideia de um “corrimão” e servia de apoio ao usuário enquanto raspava o solado da bota em uma lâmina de ferro engastada na parte inferior dos suportes, na altura da borda da caixa retangular que servia de apoio à geringonça e depósito provisório de lama. O nome “**Chora Paulista**” (a maioria dos usuários era paulista) vinha das lamúrias do pedestre ao tentar se desfazer de parte da lama grudada nos calçados, ao tempo em que, invariavelmente maldizia a terra, jurando que iria embora.¹

¹Lauro Simas de Alencar, Sócio-fundador, membro da primeira turma de funcionários do Banco do Brasil em Maringá e presidente da AABB 1962-1963, descrevendo o Grande Hotel de Maringá, em 1953, quando da inauguração da agência do Banco do Brasil na cidade.

2.1 Maringá: cidade criança - “quem te avista, nos dias de agora”

A cidade de Maringá surgiu no Norte do estado do Paraná, fruto da colonização de pequenas e médias propriedades rurais, devido ao intenso desenvolvimento de cultivo de café. A colonização foi desenvolvida pela antiga Companhia de Terras Norte do Paraná e, mais tarde, Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Essa empresa, presidida por Hermann Moraes Barros, foi a responsável pela maior colonização particular do mundo. O próprio presidente da Companhia sempre dizia que Maringá se tornaria maior que Londrina, pois acreditava no futuro da cidade.

O Norte do Paraná iniciou o seu desenvolvimento no ano de 1934, com a abertura dos primeiros núcleos urbanos. Esses núcleos foram idealizados, projetados e instalados sucessivamente, distantes um do outro em aproximadamente 100 km, assim distribuídos: Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama, situados em pleno sertão (SANCHES, 2010, p. 9). Maringá havia sido projetada para uma população de cem mil habitantes e no sexto ano de existência ultrapassou a casa dos 20 mil habitantes (REVISTA ISTO É, MARINGÁ, 1957). A Companhia Melhoramentos fundou mais de 62 cidades e vilas, realizando a colonização de 573.000 alqueires paulistas e construiu 4.400 quilômetros de estradas de rodagem no estado do Paraná (CIA. MELHORAMENTOS...,1978, p. 51).

Para Sanches (2010, p. 9), “quando as pessoas ali chegavam, sempre se preocupavam em construir uma cidade bonita, planejada com ênfase ao aspecto urbanístico, apesar de estar encravada naquela floresta.”

Pensando nisso, o urbanista Jorge de Macedo Vieira, encarregado de elaborar o traçado da cidade que nascia, respeitou muitos aspectos relativos à preservação da natureza, o que tornou a cidade o que é ainda hoje, um dos maiores orgulhos dos maringaenses, com suas imensas áreas verdes. Esse urbanista acatou as orientações da Companhia Melhoramentos, ao traçar amplas avenidas, com ajardinamento central, praças e espaços para árvores.

O escritor José Hilário (1995, p. 93) faz uma crítica ao projeto do urbanista Jorge Macedo:

[...] apesar de ter feito muita coisa importante, pisou na bola, ao desenhar as Avenidas Mauá e Carneiro Leão, deixando a Rua Joubert de Carvalho com uma pista só, no meio. Além das citadas vias, para um urbanista que se propunha a ser moderno, a Rua Fernão Dias que devia ser a continuação da Avenida Tamandaré e a Avenida Guaíra que não tem explicação nenhuma, são aberrações urbanísticas dignas de qualquer agrimensor menos avisado, não de um projetista que se propunha a ser laureado futuramente.

A edição de setembro da publicação Norte do Paraná em Revista (1958), descreve vários detalhes da colonização do Norte do Estado, quando a Companhia Melhoramentos adquiriu do governo do estado do Paraná 515.000 alqueires de terras nas bacias dos rios Paranapanema, Tibagi, Pirapó e Ivaí:

A partir de Londrina, pressionada vivamente por seu índice progressista, - fundada em 1932, numerosas cidades - inclusive a espetacular Maringá - já foram construídas pela Cia. Melhoramentos Norte do Paraná. E em quantidade considerável são as vilas e patrimônios, dentro de suas vastas áreas colonizadas. Trata-se, incontestavelmente, de empresa particular com organização e finalidades colonizadoras as mais arrojadas do Brasil. O que essa Companhia está realizando no Paraná, numa invulgar cooperação para o progresso, em seus múltiplos aspectos, do Norte do Estado, é de causar a mais entusiástica das admirações. O mais alto espírito de pioneirismo jamais deixou de orientar a todos os seus responsáveis, desde a fundação da empresa.

Ressalta, ainda, a reportagem, que nas áreas vendidas pela Companhia, foram instalados 22 municípios:

Acham-se ali algumas das mais importantes cidades do estado do Paraná, à frente das quais se ergue Londrina, ostentando sua opulência por meio de uma arquitetura impressionante de seus arranha-céus, cuja população excede cinquenta mil almas em Cambé, Rolândia, Arapongas, Apucarana, Jandaia, Mandaguari, Marialva e Maringá. Esta última, traçada e planejada para uma população de cem mil habitantes, progrediu vertiginosamente [...]. Além de Maringá, surgiram, ainda, mais algumas cidades: Mandaguaçu, Nova Esperança, Astorga, Paranavaí, Jussara, Terra Boa e Cianorte, esta destinada a ser a grande capital de além do Ivaí, e no extremo da gleba cruzeiro, a promissora Umuarama.

Hermann Moraes Barros, ao fazer uma visita, pela primeira vez, às terras pertencentes à Companhia de Terras Norte do Paraná, relatou que sempre ouvia extasiado as descrições feitas pelo seu pai, Antônio Moraes Barros, e pelo seu cunhado, Gastão de Mesquita Filho a respeito dos rios e das florestas do Norte do Paraná:

Assim foi que acompanhei de perto as negociações para a compra de 515 mil alqueires de terras roxas pelos ingleses, desde 1925, quando fui passar férias na fazenda União. Conheci, por essa época, a mata virgem de perobas, paus-d'alho e figueiras brancas, e atravessei alguns dos maravilhosos rios do Norte do Paraná, como o Cinzas e o Laranjinha. A floresta me fascinava e os poucos cafezais então existentes despertavam-me a imaginação, exercendo sobre o meu espírito uma atração irresistível. Acompanhei as negociações de perto e fiquei satisfeitíssimo quando a compra de terras pelo grupo de Lovat finalmente se efetivou. (COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 1977, p. 106).

Esclarece a edição comemorativa da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (1977, p. 106), que:

[...] de 1944 - ano em que passou para o controle acionário de brasileiros - até 1951 - ano em que passou a se chamar Companhia Melhoramentos Norte do Paraná -, a Companhia de Terras Norte do Paraná continuou executando a mesma política de vendas instituída pelos ingleses e aplicada diretamente por Arthur Thomas e pelo seu substituto Hermann Moraes Barros.

A companhia colonizou uma área correspondente a 546.078 alqueires de terras, fundando 63 cidades e patrimônios, vendendo, também, lotes e chácaras para 41.741 compradores, de área variável entre 5 a 30 alqueires, e cerca de 70.000 terrenos urbanos, com média de 500 metros quadrados cada uma.

O major Antonio Barbosa Ferraz, fazendeiro da região de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo, no início do século passado, já observara que as terras paulistas, relativamente à lavoura cafeeira, estavam prestes a se esgotar. Diante disso, vendeu o que possuía e seguiu para o Norte do Paraná, onde adquiriu milhares de alqueires de terras ainda virgens. Dá-se início à colonização da região, hoje denominada “*Norte-Velho*”. A cidade de Londrina seria instalada oficialmente no ano de 1934.

Rego (2009, p. 21) esclarece que “na área compreendida entre Londrina e Maringá, a Cia. Melhoramentos plantou dez cidades ao longo de pouco mais de cem quilômetros de ferrovia, assim alinhadas: Londrina (1930), Cambé (1932), Rolândia (1934), Arapongas (1935), Jandaia do Sul (1938) e Mandaguari (1937) e em seguida, Marialva, Sarandi e Maringá.”

Quando a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná construiu a primeira casa no Maringá Novo, em 1946, já existiam centenas de casas pioneiras, construídas de palmito ou de tábuas no Maringá Velho, desde o início da década de 1930, como a Casa Planeta, Armazém de Secos & Molhados, pertencente ao pioneiro Angelo Planas, que ali aportou com sua família, em 1944. Logo em seguida, Napoleão Moreira da Silva, instalava a sua Casa Monte Cristo, fazendo concorrência com Angelo Planas. Naqueles tempos pioneiríssimos, entretanto, a localidade, sem nome definitivo, era por vezes chamada de Vila Macucu, Mandacaru, Vila Pinguim, entre tantas outras denominações (HILÁRIO, 1995, p. 56).

Um fato histórico importante para a análise do pioneirismo de Maringá está registrado no livro “*Maria do Ingá*”, de Hilário (1995, p. 57):

Por se falar em pioneirismo, é bom lembrar que em 1938, nove antes da data consagrada como da fundação de Maringá, um padre alemão chamado Michael Emil Clement Scherer iniciava a construção da primeira igreja naquelas áreas, localizada na atual Fazenda São Bonifácio, nas proximidades do Clube Vale Azul. Edificada com madeira extraída da própria fazenda, a capela teve a sua inauguração em fevereiro de 1940, trabalho manual do próprio padre e dos poucos moradores da região. Lá foram realizados os primeiros casamentos, batizados, missas e demais ofícios católicos em Maringá. Especula-se que esse padre alemão tenha fugido da Alemanha, receoso da guerra que se aproximava, isolando-se na selva do Norte do Paraná, apropriando-se das terras da atual fazenda São Bonifácio, onde providenciou a abertura e os plantios necessários à sua própria subsistência.

A Capela São Bonifácio foi a primeira edificação católica de Maringá, construída antes de ter se tornado município. Erguida na Gleba Ribeirão Pinguim (na Estrada Vale Azul), o local foi palco das primeiras missas, batizados e casamentos da região. Sua construção foi feita em madeira, com paredes duplas. Externamente as tábuas foram assentadas na horizontal e internamente, na vertical. O sistema interno é travado por contraventamentos (estruturas

inclinadas que conferem rigidez ao conjunto). A capela foi tombada em 2011 pela Secretaria de Estado da Cultura (Sec). O tombamento foi decidido pelo Conselho Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná (CEPHA).

O especialista em História e Sociedade do Brasil, Miguel Fernando (2011, p. 66), pesquisador da história de Maringá, e que vem resgatando fatos e fotos da cidade, enfatiza a importância do arquiteto paulistano, José Augusto Bellucci, que deixou importante legado de obras em Maringá, afirmando que “[...] suas obras fizeram história e estão mais presentes do que podemos imaginar. Fazer uma caminhada pela região central da cidade, visitar um túmulo e atravessar uma praça são exemplos de estruturas que fazem parte do nosso cotidiano e foram projetadas por Bellucci.” Dentre as obras de destaque, estão o Grande Hotel Maringá (atual Hotel Bandeirantes), Aeroporto Regional Dr. Gastão Vidigal (ainda em madeira), Maringá Clube, Catedral Nossa Senhora da Glória, Cemitério Municipal, Paço Municipal/ Praça Cívica, Praça Napoleão Moreira da Silva e arranjo paisagístico da Praça Dom Pedro I (atual Centro de Convivência).

A preocupação com o meio ambiente já se manifestava naquela época, fazendo parte da planta de Maringá, o Horto Florestal, com 17,5 alqueires; Parque do Ingá, com 19,5 alqueires e o Bosque Dois, com 25 alqueires, todos localizados no perímetro urbano.

A base para o projeto da futura Cidade Canção foi o eixo-centro, entre a estação ferroviária e a cruz da futura catedral, que passa ao centro da Avenida Getúlio Vargas (ex-avenida Ipiranga, pelo projeto original). O nivelamento foi feito pelo engenheiro inglês Jofre W. Diment, primeiro topógrafo a começar a demarcação das vias da cidade (CIA. MELHORAMENTOS..., 1978, p. 51).

O pioneiro maringaense, Ademar Schiavone, em seu livro Memórias de Um bom Sujeito II, afirma que Maringá foi projetada para ser bonita, cheia de árvores, de flores, de vida. Seus bosques, parques praças, ruas e avenidas foram planejados no papel antes de ser implantados. “E isso foi feito pela Melhoramentos e, felizmente, seguido pelas administrações públicas quando a cidade passou nos limites planejados pela empresa.” (SCHIAVONE, 2004).

A cidade, que recebeu o seu nome baseado na consagrada música nordestina de autoria do compositor Joubert de Carvalho, cortada por ruas e avenidas largas, com nomenclatura inspirada na história do Brasil e do Paraná, foi fundada em 10 de maio de 1947, como distrito de Mandaguari, e elevada à categoria de Município em 1951. No dia 9 de março de 1954, o município foi efetivado na condição de Comarca.

José Hilário (1995, p. 307), com base em publicação na revista Maringá Ilustrada, de agosto de 1957 onde consta “A canção Maringá, Maringá, de Joubert de Carvalho, batizou uma cidade”, cita informações que creditam esse fato à Elizabeth Thomas, esposa de Arthur Thomas, gerente da Companhia Melhoramentos: “Consta que Elizabeth, ouvindo os peões nordestinos cantarem a referida melodia, sugeriu a denominação em homenagem àqueles desbravadores. A sugestão teria recebido aprovação da diretoria da colonizadora e assim, com o nome Maringá, foi batizada a nova cidade.”

Até 1962, Maringá era conhecida como Cidade Menina. Ao receber uma carta de uma estudante mineira, que queria saber mais sobre a cidade que nasceu de uma canção, o historiador Antenor Sanches, Secretário de Administração da Prefeitura de Maringá, na 1.^a gestão do Prefeito João Paulino Vieira Filho, sugeriu a mudança do nome:

Como achamos a colocação muito sugestiva, e tínhamos um programa de rádio, além de coluna em jornal, resolvemos fazer uma campanha para que fosse adotado o codinome de CIDADE CANÇÃO para Maringá, a qual teve rápido sucesso. (SANCHES, 2010, p. 45).

A Cidade Criança que, em 1950 contava com 38.588 habitantes, passaria para 94.450 em 1960; 123.110 em 1970; 168.240 em 1980. Hoje, com mais de 362.000 habitantes, segundo o IBGE, Maringá é um importante polo de desenvolvimento regional, integrada que está a uma rede de rodovias, ferrovias, além de um aeroporto de carga e de passageiros.

Alguns indicadores colocam Maringá em destaque nacional, como o melhor índice de desenvolvimento municipal no Paraná, com uma universidade reconhecida como a melhor do Estado; um PIB maior do que o apresentado pelo estado de Rondônia; 100% de água encanada e coleta de lixo, mais de 98% de ruas pavimentadas com asfalto e único aeroporto internacional de cargas do interior do Paraná (MARINGÁ. Prefeitura do Município, 2011, p.13).

No âmbito educacional, Maringá também foi privilegiada: a criação da Universidade Estadual. Um sonho da sociedade que se concretizou graças ao empenho de lideranças na cidade que se movimentaram na década de 1960. Em 1967, o então Prefeito Luiz Moreira de Carvalho criou a Comissão de Planejamento da Universidade de Maringá, da qual faziam parte os professores Flávio Pasquinesi, José James da Silveira, Ricarte Oliveiros de Freitas, Ademaro Barreiros, Oberon Floriano Dittert e Sebastião Rodrigues Pimentel. Em 1969, quando tomou posse como Prefeito, Adriano Valente deu continuidade ao processo de criação da universidade (COMUNIDADE..., 2010, p.13).

Maringá, nas décadas seguintes, conquistaria a condição de polo universitário, com a instalação do Centro Universitário de Maringá (Cesumar), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC), Faculdade Alvorada, Faculdade Metropolitana de Maringá (Unifamma), Faculdades Maringá, Faculdade Cidade Verde (FCV), Faculdade INSEP e Uningá.

2.2 Os clubes de Maringá surgem nas décadas de 1950/60

A Associação Cultural Esportiva de Maringá (Acema), antes Sociedade Cultural Esportiva Maringá (Socema), que congrega a colônia nipo-brasileira, é o mais antigo clube social da cidade. Foi fundado em 10 de junho de 1947. Reis (2004, p. 90) registra o surgimento dos clubes sociais na cidade: Aero clube de Maringá (09/08/1948), Maringá Clube (21/06/1956),

Clube Hípico de Maringá (26/06/1956), Country Clube Maringá (01/01/1958), Clube Teuto Brasileiro (22/05/1960), Clube Olímpico de Maringá (16/03/1963) e Centro Português de Maringá (10/06/1964).

No livro *Memória dos Bairros: Vila Operária* (MARINGÁ. PREFEITURADO MUNICÍPIO, 2002, p. 66-67), consta que, dentre os clubes esportivos, destacou-se o Esporte Clube Operário (ECO), fundado nos anos 50, que funcionava na Vila Operária:

[...] um time de futebol amador que disputava campeonatos organizados em Maringá e região [...]. Há ainda um relato de que, a extinção do ECO causou um impacto de muita discussão, pois seu espólio (entenda-se o campo) foi incorporado pelo GEM (Grêmio de Esportes Maringá), que passou a treinar e manter uma república de jogadores no denominado 'Brinco da Vila'.

A Sociedade Esportiva e Recreativa de Maringá (SERM) foi o primeiro clube esportivo da cidade cuja sede era localizada no Maringá Velho (Zona 5), onde atualmente funcionam as instalações do SESI e SENAI. Havia, também, a Telefônica Esporte Clube, da Sociedade Telefônica do Paraná S/A, do pioneiro Ardinial Ribas com a sua sede localizada no espaço que hoje é ocupado pelo Shopping Cidade e o Hipermercado BIG.

Ary Oriel Almada, que chegou a Maringá em 1959 para trabalhar no Banco do Brasil, em entrevista à Jornalista Juliana Daibert, publicada neste livro, relata que as pessoas de maior poder aquisitivo frequentavam o Maringá Clube e o Clube Hípico; as de menor poder aquisitivo frequentavam o Aeroclube (construção de madeira) e o Grêmio dos Comerciantes, que promoviam festas e bailes animadíssimos. Esclarece ele, na entrevista, que para agitar a vida social na cidade, alguns colegas do BB criaram informalmente o que seria o embrião da futura AABB: o Nosso Clube, que passou a promover animadas matinês dançantes com música ao vivo, no Salão Amarelo do Grande Hotel de Maringá.

2.3 Maringá, quem te viu e quem te vê

Que cidade estonteante, viva, pujante, de lindos horizontes e recantos que alegram pelos seus oásis e jardins floridos que se perdem no infinito, circundada de bosques de perobeiras, ruas asfaltadas, com seu Grande Hotel na praça principal, obeliscos e fonte luminosa, prédios e arranha-céus erguendo-se soberbamente, desafiando, o quadro, a perfeita simbiose da competição humana – entre a técnica e a natureza, tendo de um lado o porte esguio da floresta e de outro, a arte de concreto armado – provocando ao turista ou visitante o impacto favorável, que logo vislumbra a grandiosidade da terra e da obra. Nem seria nosso intuito, aqui, descrevê-la numa simples reportagem. Nosso desejo é, tão-somente, exaltá-la, num rasgo de entusiasmo afoito, meio provinciano, para proclamar: 'Maringá, Maringá... Quem te viu e quem te vê. (COSTA, 1964, p. 39).

2 A canção "Maringá", de Joubert de Carvalho, batizou uma cidade

Essa é a descrição do repórter Syro Lima Costa (1964, p. 39), autor da reportagem "17 anos: Maringá, Maringá...", publicada na Revista AABB do Rio de Janeiro em 1964 quando, depois de 12 anos, retorna a Maringá.

Com certeza, o repórter hoje ficaria ainda mais surpreso pelo desenvolvimento que a cidade apresentou ao longo dessas décadas, com o aflorar de inúmeros empreendimentos, dos mais variados segmentos. Constataria que Maringá se consolidou como polo de uma região com mais de 120 municípios, preservando e respeitando o seu verde, o seu Plano Diretor e, acima de tudo, possibilitando ao cidadão maringaense as condições dignas que uma cidade sustentável deve oferecer.



Mapa 1 - Propaganda da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, por ocasião do 10.º aniversário de Maringá (10/05/1957), mostra a planta da cidade
 Fonte: Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, 1957.



Fotografia 1 - Vista aérea de Maringá, em 1972

Legenda: Na parte de baixo da fotografia, veem-se a AAB, a Estrada Borba Gato (atual Avenida Carlos Correia Borges), a Serraria Santo Antonio, plantações de café e algumas reservas de mata nativa.

Fonte: Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, 1972.

2 A canção "Maringá", de Joubert de Carvalho, batizou uma cidade



Fotografia 2 - Vista aérea de Maringá
Fonte: Prefeitura Municipal de Maringá.



Fotografia 3 - Vista aérea de Maringá
Fonte: Prefeitura Municipal de Maringá.

2 A canção "Maringá", de Joubert de Carvalho, batizou uma cidade



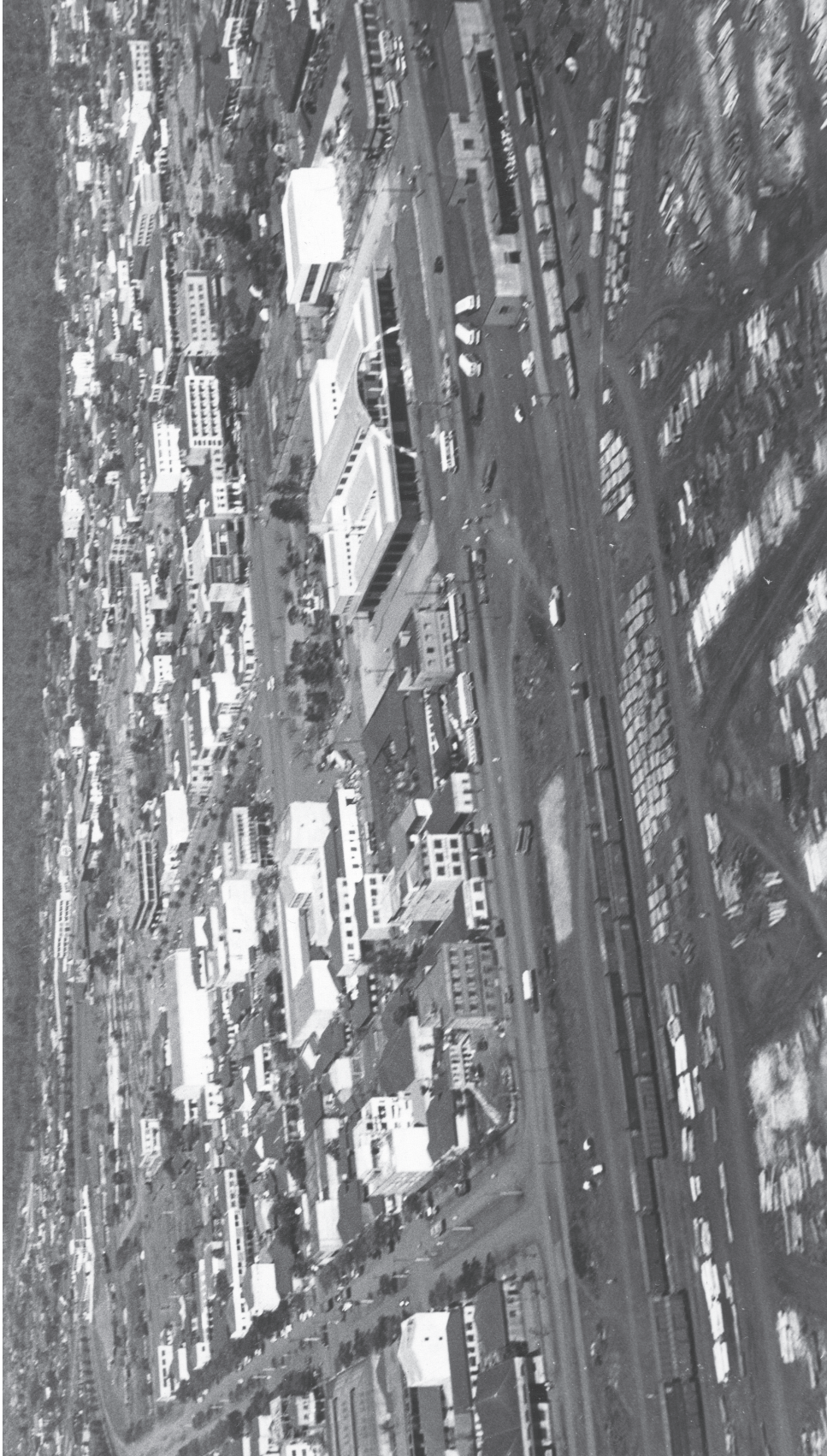
Fotografia 4 - Vista aérea de Maringá
Fonte: Prefeitura Municipal de Maringá.



Fotografia 5 - Vista aérea da Maringá

Legenda: No canto inferior direito, em destaque, vê-se o prédio do Banco do Brasil, revestido com pastilhas azuis, que lembram a flor do Jacarandá Mimoso, que embeleza a Avenida Duque de Caxias, onde se localiza a agência do BB.

Fonte: Prefeitura Municipal de Maringá.



Fotografia 6 - Vista Aérea de Maringá, em 1962

Legenda: Em primeiro plano, vê-se a Esplanada, nome pelo qual era conhecido o pátio de manobras da ferrovia. Vê-se ainda a estação ferroviária, inaugurada em 31/01/1954; à sua frente a Estação Rodoviária Municipal. Do lado direito da estação rodoviária, a nova agência do BB em fase final de construção. A foto também mostra o Hotel Ipiranga, localizado na Avenida Tamandaré, entre a Rodoviária e a Avenida Herval. Foi nesse hotel que, em 1953, alguns funcionários ficaram hospedados até conseguirem se estabelecer em uma casa ou república de funcionários. A praça que existia entre a Avenida Tamandaré e o prédio da estação ferroviária chamava-se Praça Nações Unidas - Baluarte da Paz. No início da década de 1990 foi extinta para instalação do terminal Urbano de ônibus. Atualmente existem duas estações ferroviárias: Estação Maringá-Nova, situada na saída para a cidade de Campo Mourão/Cianorte e a Estação Montanha, localizada próxima à divisa com a cidade de Sarandi.

Fonte: Museu da Bacia do Paraná, UEM, PR.

